

Fazendeiros comemoram com churrasco derrota da esquerda do PMDB

BRASÍLIA — Muita cerveja, churrasco, comentários de que o senador Mário Covas, líder do PMDB na Constituinte, não passa de "um comunista enrustido" e eventuais gritos de "morte aos comunistas". Foi assim a comemoração feita na madrugada de sábado, por um grupo de aproximadamente trinta empresários rurais, militantes da UDR, na Churrascaria Tabu. Com eles, estavam os deputados Maluly Neto (PFL-SP) e João Resek (PMDB-SP).

No jantar, os fazendeiros comemoraram a derrota da esquerda do PMDB na sessão noturna da Comissão da Ordem Econômica, que não conseguiu aprovar o parecer do relator, senador Severo Gomes. A sessão foi suspensa depois de um tumulto na Mesa, com deputados de direita e de esquerda se engalfinhando, entre empurrões, para arrebentar com os fios dos microfones.

Os primeiros militantes da UDR chegaram à churrascaria gritando "morte aos comunistas". Depois, mais calmos, pediram cerveja e churrasco. Nas conversas, Maluly pregava a necessidade de "um trabalho de verdadeira evangelização" do empresariado rural contra a reforma agrária defendida pela esquerda.

O líder do PMDB, senador Mário Covas, foi acusado por vários adversários da reforma agrária de ser "um comunista enrustido". Alguns fazendeiros juraram em voz alta que não mais votariam nele e acrescentaram que querem saber como ele fará a campanha para o governo de São Paulo, em 1990.

Em voz alta, vários revelaram que haviam subornado um ascensorista da Constituinte para levar até as galerias militantes da UDR que não dispunham de senhas de acesso. Um outro comentou que não teve dúvida: comprou por 500 cruzados a senha de um trabalhador recrutado pela Contag.



Socos e empurrões substituíram o debate alto na comissão que trata da economia

Votação na Comissão de Ordem Econômica acaba em pancadaria

BRASÍLIA — Terminou em pancadaria a primeira parte da sessão de votação do relatório da Comissão de Ordem Econômica no plenário da Câmara Federal. Os trabalhos foram suspensos à 1 hora da madrugada de ontem, após 15 minutos de agressões verbais e físicas entre deputados dos grupos progressistas e liberal-conservador. O conflito só não se reproduziu nas galerias, ocupadas por uma massa compacta de representantes da UDR e da Contag, pela interferência eficaz da segurança da Câmara.

O tumulto começou após uma hora e meia de sessão, consumidas nas tentativas do grupo progressista de obstruir a leitura do substitutivo do grupo conservador. No início dos trabalhos o presidente da Comissão, deputado José Lins (PFL-CE), identificado com os moderados, decidiu acatar o pedido de preferência dos conservadores para colocar em votação três emendas-substitutivas, que, aprovadas, prejudicariam na integridade o relatório oficial do senador Severo Gomes (PMDB-SP), em torno do qual se reuniam os progressistas.

Cientes da manobra, os progressistas tentaram, durante todo o dia, obter um veto do presidente da Constituinte, Ulysses Guimarães, à interpretação que José Lins dera ao regimento da Comissão; acatando emendas substitutivas pra a íntegra dos três grandes temas em discussão: a reforma agrária, a questão urbana e os princípios gerais da econômica. Ulysses limitou-se porém a citar o regimento da Constituinte, que permite a apresentação de emendas-substitutivas sobre temas correlatos. "A definição do que é tema correlato cabe ao presidente da comissão", disse Ulysses.

Obstrução — A obstrução consistiu em inúmeras questões de ordem da esquerda, na tentativa de fazer prevalecer a tese de que não haveria correlação, por exemplo, entre os dispositivos sobre o acesso ao sub-solo e a intervenção do estado na economia - temas contidos no substitutivo sobre os princípios gerais.

Após 40 minutos de debate, o líder do PMDB na Constituinte, senador Mário Covas (PMDB-SP), tomou a palavra

para pedir que José Lins reconsiderasse sua interpretação, rejeitando as emendas-substitutivas e deixando que se votasse o relatório e posteriormente as emendas solitárias. "Lembre presidente, que este é o momento que vossa excelência faz história", disse Covs.

Citando o dicionário da Língua Portuguesa, e Aurélio Buarque de Holanda, Covs discorreu longamente sobre o termo "correlato" e achou apropriado ler compassadamente um exemplo de aplicação da palavra, que considerou "apropriado para o momento por que passa o senhor presidente". Tratava-se de um pequeno trecho da obra literária de Lygia Fagundes Telles: "acontece que o pintor eirugeceu e com os poderes e a glória vieram os vícios correlatos, ficou vaidoso e mesquinho".

Descontrole — Eram 23h50m e Lins permaneceu impassível. As galerias começavam a se manifestar, com cada grupo aplaudindo as falas de seus representantes e vaiando a manifestação do adversário. Aos 10 minutos da madrugada, a sessão foi suspensa pela primeira vez, por 5 minutos depois que os líderes do PFL, José Lourenço (BA) e do PT, José Genoíno (SP) se agrediram verbalmente.

A evidência de que Lins havia perdido o controle dos trabalhos despertou o interesse dos grupos antagônicos para a tentativa de determinar o curso da sessão. Enquanto o deputado Wladimir Palmeira (PT-RJ) incitava os companheiros a manter a obstrução - "é a única arma que possui a minoria para vender caro uma vitória para o adversário", afirmou -, o deputado conservador Maluly Neto (PFL-SP) lia o regimento da Câmara para Lins, lembrando-lhe que ele tinha prerrogativas para cassar a palavra de parlamentares envolvidos claramente envolvidos no expediente da obstrução.

Lins tomara esta iniciativa às 24h e 45m, precipitando os acontecimentos. O vice-presidente da mesa, deputado Hélio Duque (PMDB-PR), ligado aos progressistas, em protesto e sob aplausos dos trabalhadores, renunciou ao cargo. O substituto foi escolhido de imediato por

Lins, que indicou o moderado deputado Jalles Fontoura (PFL-GO). A UDR aplaudiu e Jalles começou imediatamente a ler o bloco de substitutivo dos conservadores, sob a vaia de trabalhadores e deputados progressistas.

Agressões — a fala durou cinco minutos, com o deputado José Lourenço procurando evitar que o deputado Haroldo Lima (PC do B-BA) arrancasse o fio do microfone. A proeza acabou sendo perpetrada pela deputada Raquel Capiberibe (PMDB-MA) que arrebentou o fio enrolando-o no braço. "Vem tomar se você é homem", desafiou a deputada ao senador Saldanha Derzi (PMDB-MS), que a perseguia na tribuna.

Fontoura apenas trocou de lugar e continuou a ler o documento no microfone da presidência da mesa. Neste momento Aldo Aranes (PC do B-GO) já se atarracou com Derzi, derrubando o mastro com a bandeira nacional e perdendo os óculos. Com o tumulto armado no canto da tribuna, o deputado Luis Salomão (PDT-RJ) aproveitou a distração da segurança, escalou a parede da tribuna e avançou sobre Jalles, tirando-lhe o microfone e rasgando o substitutivo.

Um segurança segurou Salomão pelo braço e os dois só não se precipitaram no chão do plenário, porque esbarraram no deputado Jorge Viana (PFL-BA), que chegava para tomar o microfone de Salomão. Os dois se empurraram e Viana acabou de costas para Haroldo Lima, que se preparava para prensá-lo. Dois deputados porém se adiantaram e puxaram Lima pra trás. Os brigões começavam a ser contidos.

Pálido e trêmulo Lins pediu à segurança que repusesse o microfone na mesa e sob apupos dos trabalhadores e aplausos da UDR suspendeu a sessão e avisou que as galerias não seriam mais abertas. À 1.h45m o presidente deixou a Câmara escoltado por Jorge Viana, Saldanha Derzi e o deputado José Ulysses (PMDB-MG), preocupados em orientá-lo sobre os procedimentos que devia tomar na reabertura dos trabalhos, na manhã de sábado.